

Conexões entre discussões do campo de políticas afirmativas e dos estudos de letramento acadêmico: uma aposta em compreensão desde estratégias de estudantes cotistas*

Luanda Sito**

Resumo

Conexões entre discussões do campo de políticas afirmativas e dos estudos de letramento acadêmico: uma aposta em compreensão desde estratégias de estudantes cotistas

Neste artigo, apresento as motivações que levaram a construção das perguntas de uma pesquisa de doutorado (em desenvolvimento) sobre letramento acadêmico. Na América Latina, o século XXI iniciou com a exigência e a implementação de políticas de ações afirmativas no ensino superior, com o objetivo de abrir suas portas a estudantes advindos de grupos historicamente marginalizados física e culturalmente do espaço acadêmico. Contudo, esse ingresso mediado por políticas de ação afirmativa tem gerado polêmica no meio político e acadêmico: para alguns, os estudantes que ingressassem por ação afirmativa não teriam capacidade para lidar com as demandas acadêmicas; para outros, ao contrário, esses estudantes não só teriam sucesso em sua formação como seriam capazes de romper com os discursos hegemônicos e propor novas formas de produção de conhecimento. Nesse contexto, o propósito da pesquisa é analisar oito trajetórias de elaboração de trabalhos de conclusão de curso de universitários(as) que ingressaram por políticas afirmativas em duas universidades públicas. Nosso relato expõe os pressupostos teóricos que subjazem a este objetivo.

Palavras-chave: *ações afirmativas, ensino superior, letramento acadêmico.*

Abstract

Connections between the discussions in the field of affirmative policies and academic literacy studies: seeking to understand students' strategies

In this article, I present the motivations that led to the construction of the questions for a doctoral dissertation (in progress) on academic literacy. In Latin America, the early 21st century saw the requirement and

* Pesquisa desenvolvida no Programa de Doutorado em Linguística Aplicada do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), e financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) (Processo-2012-01311-7). Agradeço a FAPESP o apoio concedido a esta pesquisa.

** Mestre em Linguística Aplicada e Licenciada em Línguas Modernas – Português e Espanhol. Integrante dos grupos de Pesquisa *Letramento do Professor e Educación y Diversidad Internacional-EDI*. E-mail: luandasito@gmail.com

implementation of affirmative action policies in higher education, with the intention of opening its doors to students from groups that historically have been physically and culturally marginalized from the academic scene. However, this access mediated by affirmative action policies has sparked controversy in both the political and academic fields: For some, the students accessing education by affirmative action would not have the capacity to deal with academic demands; for others, on the contrary, these students would succeed in education as they can break the hegemonic discourses and propose new forms of knowledge production. In this context, the purpose of the research project is to analyze eight ways to successfully conclude end-of-term papers by university students who entered two public universities by affirmative policies. Our report describes the theoretical assumptions that underlie this objective.

Keywords: *affirmative actions, higher education, academic literacy*

Résumé

Discussions sur les politiques affirmatives et les études d'alphabétisation académique: tentative de compréhension des stratégies des étudiants boursiers

Le 21^{ème} siècle a commencé dans l'Amérique Latine avec l'exigence et la mise en place de politiques d'action affirmative qui reçoivent à l'éducation supérieure aux étudiants marginés historiquement de l'espace académique. Cette réception a généré de discussions dans les secteurs politique et universitaire autour de la capacité de ces étudiants de répondre aux exigences académiques et au même temps autour de la possibilité qui eux critiquent des discours hégémoniques et même proposent de nouvelles manières de production de la connaissance. On analyse de huit méthodologies de projets professionnels réalisées par des étudiants bénéficiés des politiques affirmatives. On décrit les fondements théoriques qui motivent cette analyse.

Mots-clés: *actions affirmatives, éducation supérieure, alphabétisation académique.*

Introdução

Meu objetivo, neste trabalho,¹ é apresentar as motivações que levaram a construção das perguntas de uma pesquisa de doutorado (em desenvolvimento) sobre a leitura e a escrita na universidade. Para isso, discuto a polêmica que está no pano de fundo desta pesquisa, assim como suas bases teóricas. Como se trata de uma pesquisa em andamento, meu propósito é compartilhar os pressupostos teóricos da pesquisa, que emergem do entrelaçamento entre as discussões do campo de políticas afirmativas e dos estudos de letramento acadêmico.

Na América Latina, o século XXI iniciou com a exigência da implementação de políticas de ações afirmativas no ensino superior, com o objetivo de que este abrisse suas portas a estudantes indígenas, negros e oriundos de grupos sociais populares; marginalizados física e culturalmente do espaço acadêmico ao longo da história. Essa demanda para a abertura a grupos até então marginalizados no Ensino Superior surge após algumas décadas de expansão da oferta da Educação Básica.

O catalisador dessas políticas foi o Plano de Ação de Durban, assinado pelos países que participaram da III Conferência Mundial contra o Racismo, a Discriminação

1 Apresentação oral realizada em "I Jornadas Internacionales sobre Educaciones y Política", em novembro de 2013, na Universidad de Antioquia.

Racial, a Xenofobia e as Formas de Intolerância Correlatas, ocorrida em Durban, África do Sul, em 2001. Ao acompanhar experiências de implementação de ações afirmativas no ensino superior, percebi que os estudantes 'cotistas'² ficavam num fogo cruzado entre aqueles que afirmavam de antemão que haveria um fracasso no desempenho acadêmico desses estudantes, e aqueles que apostavam que eles redimensionariam o espaço da produção do conhecimento, sendo agentes de questionamentos e mudanças. Este impacto, que vai para além de uma flexibilidade no ingresso, era resultado esperado por muitos atores neste debate (Souza Lima, 2008). Contudo, frente a demandas por inclusão social e étnico-racial, a Universidade —como uma instituição formativa— segue interpelada a responder o questionamento sobre o seu papel na sociedade em que está inserida, se reposicionando frente ao novo papel que a sociedade lhe está requerendo (Santos, 2005), e promover uma reflexão sobre como ensinar esse novo público que chega ao ensino superior.

Dessa forma, as ações afirmativas entram em cena como medidas institucionais que visam corrigir desigualdades constituídas historicamente. Nas palavras de Carvalho, essas medidas são políticas públicas, que têm como propósito:

[...] corrigir uma história de desigualdades e desvantagens sofridas por um grupo racial (ou étnico) [também de gênero, opção sexual ou religião, por exemplo], em geral frente a um Estado nacional que o discriminou negativamente. O que motiva essas políticas é a consciência de que essas desigualdades tendem a se perpetuar se o Estado continuar utilizando os mesmos princípios ditos universalistas com que tem operado até agora na distribuição de recursos e oportunidades para as populações que contam com uma história secular de discriminação (2004, p. 51).

A análise histórica de Góngora (2014) questiona o protagonismo norte-americano na proposição dessas

políticas a partir do caso da Índia, onde tiveram lugar as primeiras experiências de ações afirmativas na década de 1940. O princípio dessas medidas era tratar temporariamente os desiguais de maneira desigual para atingir uma igualdade de condições entre os sujeitos. No ensino superior de países como a Colômbia e o Brasil, essas políticas vêm sendo realizadas, especialmente, pela reserva de vagas ou vagas suplementares orientadas para grupos específicos, em especial populações indígenas, negras e de classes populares; e seus perfis estão mais orientados à experiência norte-americana.

Essas medidas, como já dito, têm gerado polêmica no meio político e acadêmico: para alguns, os estudantes que ingressassem por ação afirmativa não teriam capacidade para lidar com as demandas acadêmicas; para outros, ao contrário, esses estudantes não só teriam sucesso em sua formação como seriam capazes de romper com os discursos hegemônicos e propor novas formas de produção de conhecimento. Esses posicionamentos acirrados em relação à política de reserva de vagas para negros e indígenas foram registrados em inúmeras publicações. Entre elas cito algumas que tiveram maior repercussão no debate brasileiro. Por um lado, estão a coletânea de artigos intitulada *Educação e ações afirmativas: entre a injustiça simbólica e a injustiça econômica* (2003), organizada pelo sociólogo Valter Silvério e a educadora Petronilha Gonçalves e Silva (da UFSCar), e o livro *Inclusão Étnica e Racial no Brasil. A questão das cotas no ensino superior* (2004), do antropólogo José Jorge de Carvalho (da UnB), os quais legitimavam a relevância do critério racial para diminuição das desigualdades. Por outro lado, estão o livro *Não somos racistas* (2006), do jornalista Ali Kamel, e a coletânea de artigos *Divisões perigosas: políticas raciais no Brasil contemporâneo* (Fry et alli, 2007), organizada pelo antropólogo Peter Fry e colegas (da UFRJ), que se contrapunham ao critério racial nas políticas afirmativas. Além desses livros, foi publicada uma coleção organizada pelo antropólogo Jocélio

2 Palavra que tem sido usada para nomear estudantes que ingressam nas universidades públicas por meio de ações afirmativas do tipo reserva de vagas é eivada de valores contraditórios: para alguns estudantes é usada com um tom pejorativo por parte daqueles que não aceitam a política; para outros a palavra foi positivada e ganhou status de identidade. Utilizo neste texto afiliada ao segundo significado, como uma afirmação positiva dos universitários que ingressaram por ações afirmativas.

Teles dos Santos, em dois volumes, intitulados *Cotas nas universidades: análises dos processos de decisão* (2012), e *O impacto das cotas nas universidades brasileiras (2004-2012)* (2013) que apresentam um caráter analítico de experiências de políticas afirmativas já implementadas.

Nesse contexto polêmico, minha pergunta de pesquisa vai na direção de entender como os estudantes ingressantes nas universidades por políticas afirmativas lidam com a demanda de leitura e escrita na universidade. Para isso, trago a luz a abordagem da Linguística Aplicada (Moita Lopes, 2006), a qual pode aportar a uma revisão dos conceitos de “língua” e “linguagem” que subjazem a práticas de ensino na Universidade. Dessa forma, alinhada aos Estudos de Letramento no campo da Linguística Aplicada, o projeto que desenvolvo pretende analisar oito trajetórias de elaboração de trabalhos de conclusão de curso (o TCC) de universitários(as) autodeclarados negros e indígenas que ingressaram por políticas afirmativas em duas universidades públicas. A escolha do TCC³ se deve ao fato de que este trabalho – quando requisito para conclusão de uma graduação – costuma ser a produção escrita de maior envergadura na formação universitária. Esse objetivo tem como propósito reconhecer estratégias de ruptura das assimetrias na produção de conhecimento, que venham a ser utilizadas por esses universitários(as); e, assim, desconstruir o discurso do *déficit*. Além disso, nesta pesquisa, em andamento, aproximo experiências de políticas reparatórias do Brasil e da Colômbia, com o propósito de inserir-me no campo de discussões sobre interculturalidade e políticas afirmativas para populações vítimas do racismo no contexto latinoamericano.

Na perspectiva dos Estudos de Letramento (Heath, 1982; Street, 1984; Kleiman, 1995, 1998, 2010), as pesquisas se propõem a compreender o uso da escrita como uma prática social, conectada com seu contexto sócio-histórico e com os valores dos sujeitos. Assim, o conceito de “práticas de letramento” (Street, 1993) tem sido um instrumento metodológico importante para a compreensão do uso da linguagem, ao

constituir-se como um conceito amplo, que envolve tanto as ações dos sujeitos, quanto as conceitualizações por eles elaboradas, ambas relacionadas ao uso de escrita e/ou da leitura. Utilizando-o para olhar as práticas de escrita e leitura no contexto universitário, o propósito dos estudos que analisam o processo de inserção de estudantes nas práticas de letramento acadêmico é, segundo Zavala (2010, 2011), mostrar como o uso da escrita no ambiente acadêmico, tido como um meio neutro e transparente utilizado para transmitir conhecimento, é apenas mais um modo de usar a linguagem desenvolvida na tradição intelectual ocidental.

A construção de minha pergunta de pesquisa dialoga, portanto, com trabalhos do campo de estudos de letramento acadêmico, os quais estão olhando com maior atenção as práticas de uso de leitura e escrita na universidade (Canagarajah, 1997; Lea e Street, 1998, 2006; Lillis e Scott, 2007; Carlino, 2005; Street, 2010; Zavala e Córdova, 2010). Nesse campo, delinhei duas grandes linhas de pesquisas, uma que desenvolve orientações pedagógicas para o trabalho com a leitura e escrita na universidade; e outra, de caráter mais etnográfico, que se preocupa em se aproximar da perspectiva dos estudantes para investigar como esses constroem suas estratégias de domínio da escrita na esfera acadêmica, a qual se vincula esta pesquisa.

No que tange a questões de formação universitária, a dificuldade em se apropriar da escrita acadêmica é apontada como um entrave para a maioria dos estudantes que ingressam na Universidade. Matencio, Silva e Assis (2000), ao analisarem o processo de inserção de estudantes de licenciatura em Letras no meio acadêmico, mostram como esses estudantes, muitos de camadas privilegiadas, demonstram conflitos ao ter de lidar com práticas de letramento acadêmico. Com base na análise de textos produzidos pelos estudantes, as autoras apontam que suas dificuldades podem estar relacionadas a dois fatores: ao não reconhecimento das dimensões reais do funcionamento da língua (devido a uma concepção de língua existente no contexto escolar que trata a

3 Este trabalho não é obrigatório em todos os cursos de graduação.

língua como “autônoma” de suas condições de produção e recepção), assim como a uma ineficácia das práticas artificiais de ensino-aprendizagem com foco na busca dos alunos pela aprovação (atividades escritas que não visam construir conhecimento). Para as autoras, esses conflitos se devem, especialmente, por essas descontinuidades entre as práticas de escritas escolares e as acadêmicas.

Essas (des)continuidades, em geral conflitivas, entre as práticas de letramento de diferentes contextos são foco das pesquisas sobre letramento. Um exemplo é o trabalho seminal de Heath (1982). Na década de 80, a autora realizou uma pesquisa etnográfica que buscava entender por que crianças de duas comunidades diferentes (uma comunidade negra de trabalhadores de fábricas têxteis, e uma comunidade branca de classe trabalhadora) não possuíam o mesmo êxito escolar que crianças brancas de classe média profissional. Ao observar os modos de usar a linguagem na escola e no lar de crianças desses três grupos, em especial as atividades e os valores em jogo na prática de contação de histórias de ninar, a pesquisadora percebe que há uma similaridade muito forte entre as práticas de letramento da escola e as das famílias do grupo de classe média. Segundo Heath (1982), essa familiarização resultava em uma espécie de continuidade entre suas práticas de linguagem na família e, depois, na escola. Porém, para as crianças dos grupos de pais de classe trabalhadora, o ingresso na escola provocava uma ruptura com suas práticas de linguagem familiares – essa descontinuidade resultava em um “fracasso” escolar para as crianças negras, nas séries iniciais, e para as crianças brancas de classes trabalhadoras, nas séries subsequentes.

A relevância do trabalho de Heath (1982) está na desconstrução do argumento do *déficit* escolar ao mostrar, a partir de pesquisa etnográfica, como as concepções e os modos de usar a linguagem da escola estão mais associados a uns grupos sociais (e também étnico-raciais, no caso do estudo) do que a outros. Assim, a autora desloca a perspectiva do *déficit* – a

interpretação naturalizada frente às dificuldades de estudantes na escola – e revela como as práticas de ensino-aprendizagem privilegiam mais alguns modos de usar a linguagem, o que resulta no suposto “fracasso” de outros estudantes. Sua pesquisa abriu um novo campo de reflexão sobre como lidar, nas instituições educativas, com modos “alternativos”, como Heath (1982) os denomina, de usar a linguagem. No campo teórico e prático, sua pesquisa possibilita expandir as práticas educativas no sentido de evitar rupturas e promover a construção de pontos comuns com os conhecimentos trazidos pelos alunos de grupos sociais variados.

Em diálogo com essa produção, Zavala e Córdova (2010) analisam e desconstruem o discurso da “crise da escrita” no ensino superior. Em sua pesquisa, as autoras analisam a dificuldade com a escrita, apontada por professores e estudantes, desde outro ângulo: a partir das vozes de estudantes que não possuem uma tradição familiar universitária. Ao mesmo tempo, expandem as discussões sobre “dificuldades com a escrita”, vistas apenas como um tema de habilidades, para pensá-lo em termos de identidade, epistemologia⁴ e poder.

Zavala e Córdova (2010), ao investigar o processo de permanência de universitários ingressantes por ação afirmativa, no contexto peruano, afirmam que a aprendizagem da escrita acadêmica no ensino superior produz tensões diversas nos estudantes, resultantes de descontinuidades na construção identitária dos sujeitos, nas suas formas de produzir conhecimento e nas relações de poder do espaço acadêmico. Delineando o campo de estudos de letramento acadêmico, as autoras afirmam que:

[...] en los últimos años, la investigación en este campo ha demostrado que las dificultades y, por consiguiente, los conflictos que emergen entre estudiantes y docentes con relación a la lectura y la escritura en la universidad no se restringen simplemente a la técnica de la lectura y la escritura, a las habilidades o a la gramática sino a aspectos que están

4 Entendida aqui como as maneiras pelas quais os sujeitos constroem conhecimento, as quais variam culturalmente e são atravessadas por relações de poder (as assimetrias na produção de conhecimento).

relacionados con la identidad, la epistemología y el poder. Esto quiere decir que la lectura y la escritura también se relacionan con nuestro sentido de pertenencia a la comunidad de la que intentamos formar parte, con las maneras de construir conocimiento y con las valoraciones diferenciadas que se adscriben a las diversas formas de lectura y escritura que se practican en nuestra sociedad (p. 113).

As autoras, porém, também advertem que a discussão em torno da “crise da escrita” não é um problema exclusivo desses estudantes, mas algo que está generalizado no ensino superior. Ao contemplar os fatores envolvidos na escrita acadêmica, Zavala e Córdova (2010) apresentam uma descrição diferente da “crise da escrita” e contribuem para uma abordagem mais situada e sensível aos diferentes fatores que geram sucessos e dificuldades no campo do ensino para diferentes grupos.

Dentro desse debate, a pesquisa que apresento tem como tema principal o *papel da linguagem na formação universitária em um contexto de democratização do ensino superior latino-americano*. Para entendê-lo, analiso dois contextos de políticas afirmativas que associam a identidade étnicorracial ao mérito e, com isso, abrem a possibilidade de visibilizar identidades culturais e sociais antes marginalizadas. Por conta do histórico de estigmatização dos grupos que são alvo dessas políticas, há uma tendência de a instituição universitária justificar as dificuldades que esses estudantes venham a apresentar em seus desempenhos com base no discurso do *déficit* (Soares, 1986; Lillis e Scott, 2007) ou no “discurso da ausência” (Silva, 2003).⁵ Destacam Lillis e Scott (2007), acerca do contexto de expansão do ensino superior inglês, que ao visibilizar uma questão negligenciada – a relevância da linguagem, em especial a escrita, na formação universitária – é possível enfrentar os discursos de *déficit* sem culpar os próprios alunos. Assumo esse princípio com o propósito de ampliar o horizonte de respostas possíveis.

Relevância e justificativa da pesquisa

Rememorando minha experiência universitária, mas com um olhar refratado pelas lentes dos Estudos de Letramento, quero investigar sobre quais são as trajetórias de estudantes que ingressaram por ações afirmativas e como estão se apropriando de práticas de leitura e escrita na universidade. Para isso, considero tanto a semelhança na expansão do ensino superior por meio de medidas afirmativas com critérios étnico-raciais, voltadas para estudantes negros e indígenas, no Brasil e na Colômbia; quanto a situação negligenciada da linguagem na formação acadêmica. Esses elementos requerem pensar sobre três dimensões que apontam a relevância de pesquisas no campo do letramento acadêmico:

1. o silenciamento sobre a dimensão da linguagem na formação universitária;
2. o papel da escrita no ensino superior, quando salientado, é tomado de uma perspectiva da linguagem como habilidades (criticado por Lea y Street, 1998);
3. uma visão tradicional da escrita como habilidades, a qual acarreta a manutenção das desigualdades, tal qual a *cidade escriturária* descrita por Rama (1984).

O conceito de *cidade escriturária* é utilizado pelo autor para demonstrar como houve uma perpetuação da estrutura da cidade colonial na América Latina. Em sua crítica, destaca a ordem dos signos:

[...] cuja propriedade é organizar-se estabelecendo leis, classificações, distribuições hierárquicas, a *cidade letrada* articulou sua relação com o Poder, a quem serviu mediante leis, regulamento, proclamações, cédulas, propaganda e mediante a ideologização destinada a sustentá-lo e a justificá-lo. Foi evidente que a *cidade das letras* arremedou a majestade do Poder, apesar de que também se pode dizer que este regeu as operações letradas, inspirando seus princípios de concentração,

5 No livro, o autor se propõe a mostrar trajetórias de jovens moradores da Maré (maior favela carioca) que acessaram ao ensino superior com o propósito de combater discursos preconceituosos e estereotipados que descrevem atores de grupos de setores populares a partir do “não” ter, da ausência de atributos.

elitismo, hierarquização. Acima de tudo, inspirou a distância entre a letra rígida e a fluida palavra falada, que fez da cidade letrada numa cidade escriturária, reservada a uma estrita minoria (Rama, 1984, p. 54).

Essa proposta de Rama (1984) conecta a organização das cidades ao poder e à lógica colonial; conexão que ajuda a construir enlaces históricos para a compreensão das formas de usar a linguagem. Isso nos leva a pensar como entender as práticas de letramento no contexto latino-americano, no qual historicamente há sido interdito o acesso à leitura e à escrita a muitas populações locais, nos exige interpretações sócio-históricas frente à linguagem e à própria instituição universitária.

Para finalizar, destaco que as escolhas metodológicas para esta pesquisa são orientadas pelo desejo de tornar a investigação do doutorado uma experiência de escuta atenta e de envolvimento com o campo, de modo a ouvir e olhar o outro de forma sensível e comprometida. Para isso, realizaremos um estudo qualitativo, composto por entrevistas a estudantes e docentes (orientadores dos TCC), os TCC produzidos pelos estudantes e documentos institucionais sobre as políticas de ações afirmativas. Considero que, no desenvolvimento da pesquisa, é relevante questionar sobre os acordos negociados entre pesquisador e participantes, tendo em vista que “a ética precisa ser co-construída inter ou multiculturalmente” (Cavalcanti, 2006, p. 250). Além disso, um dos desafios será manter cientes todos os envolvidos na investigação quanto aos limites da pesquisa (Vóvio e Souza, 2005, p. 50).

Essas escolhas (e suas implicações) são parte dos pressupostos teóricos que subjazem ao objetivo da pesquisa, que se constitui uma aposta de compreensão melhor as perguntas que surgem tanto no campo de políticas afirmativas quanto nos estudos de letramento acadêmico a partir das estratégias criada por estudantes cotistas. Por fim, com esta pesquisa não tenho a pretensão de “falar por”, mas sim de “falar com” seus participantes. E, embora não seja a voz de uma estudante cotista a escrever este trabalho, esta voz também é fruto dessas experiências plurais da “diáspora negra” (Hall, 2003) e será uma escuta “de dentro” dessa “minoria”.

Referências

Canagarajah, A. S. (1997). Safe houses in the contact zone: coping strategies of african-american students in the academy, *College Composition and Communication*, 48(2), 173-196.

Carlino, P. (2005). *Escribir, leer y aprender en la universidad. Una introducción a la alfabetización académica*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica de Argentina S. A.

Carvalho, J. J. (2004). *Inclusão Étnica e Racial no Brasil. A questão das cotas no ensino superior*. São Paulo: Attar.

Cavalcanti, M. C. (2006). Um olhar metateórico e metametodológico em pesquisa em Linguística Aplicada: implicações éticas e políticas. In L. P. Moita Lopes (Ed.), *Por uma linguística indisciplinar* (pp. 233-252). São Paulo: Parábola.

Fry, P. et alli (eds.). (2007). *Divisões perigosas: políticas raciais no Brasil contemporâneo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Góngora, M. (2014). Geopolíticas de la identidad: La difusión de acciones afirmativas en los Andes, *Universitas Humanística*, (77), 35-69.

Hall, S. (2003). *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Trad. Liv Sovik. Belo Horizonte: UFMG.

Heath, S. B. (1982). What no bedtime story means: narrative skills at home and school, *Language and Society*, (11), 49-76.

Kamel, L. (2006). *Não somos racistas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Kleiman, A. (1995). Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In A. Kleiman (Ed.), *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita* (pp. 15-61). Campinas, SP: Mercado Aberto.

Kleiman, A. (1998). A construção de identidades em sala de aula: um enfoque interacional. In I. Signorini (Ed.), *Língua(gem) e identidade. Elementos para uma discussão no campo aplicado* (pp. 267-302). Campinas, SP: Mercado de Letras.

Kleiman, A. (2010). Trajetórias de acesso ao mundo da escrita: relevância das práticas não escolares de letramento para o letramento escolar, *Perspectiva*, 28(2), 375-400.

- Lea, M. R. e Street, B. (1998). Student writing in higher education: an academic literacies approach, *Studies in Higher Education*, 23(2), 157-168.
- Lea, M. R. e Street, B. (2006). The "Academic Literacies" Model: Theory and Applications, *Theory Into Practice*, 45(4), 368-377.
- Lillis, T. e Scott, M. (2007). Defining academic literacies research: Issues of epistemology, ideology and strategy, *Journal of Applied Linguistics (JAL)*, 4(1), 5-32. Disponível em: <http://dx.doi.org/doi:10.1558/japl.v4i1.5>.
- Matencio, M. L., Silva, J. Q. G. e Assis, J. A. (2000). Explorando as representações do texto escrito. *Scripta*, 4(7), 125-140.
- Moita Lopes, L. P. (ed.). (2006). *Por uma lingüística indisciplinar*. São Paulo: Parábola.
- Rama, A. (1984). *A cidade das letras*. SP: Editora Brasileira S.A.
- Santos, B. S. (2005). *A Universidade no século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória da Universidade*. São Paulo: Cortez.
- Santos, J. T. (Ed.) (2012). *Cotas nas universidades: análises dos processos de decisão*. Salvador: CEAO.
- Santos, J. T. (Ed.) (2013). *O impacto das cotas nas universidades brasileiras (2004-2012)*. Salvador: CEAO.
- Silva, J. (2003). "Por que uns e não outros?": caminhada de jovens pobres para a universidade. Rio de Janeiro: Sete Letras.
- Silva Jr., H. (2002). *Direito de igualdade racial: aspectos constitucionais, civis e penais: doutrina e jurisprudência*. São Paulo: Juarez de Oliveira.
- Silva, P. e Silvério, V. (Ed.) (2003). *Educação e ações afirmativas: entre a injustiça simbólica e a injustiça econômica*. Brasília: INEP.
- Soares, M. (1986). *Linguagem e escola: uma perspectiva social*. São Paulo: Ática.
- Souza Lima, A.C. (2008). Educación Superior para Indígenas en el Brasil: más allá de los cupos, *Vibrant – Virtual Brazilian Anthropology*, 5(1), 83-110.
- Street, B. (1984). *Literacy in theory and practice*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Street, B. (1993). The New Literacy Studies. In B. Street (Ed.), *Cross-cultural approaches to literacy*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Street, B. (2010). Dimensões "escondidas" na escrita de artigos acadêmicos, *Perspectiva*, 28(2), 541-567. Disponível em: <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/2175-795X.2010v28n2p541/pdf>.
- Vóvio, C. L. e Souza, A. L. S. (2005). Desafios metodológicos em pesquisas sobre letramento. In A. B. Kleiman e M. L. M. Matencio (Eds.), *Letramento e formação do professor. Práticas discursivas, representações e construção do saber* (pp. 41-64). SP: Mercado de Letras.
- Zavala, V. (2010). *Quem está dizendo isso?: letramento acadêmico, identidade e poder no ensino superior*. In C. L. Vóvio, L. S. Sito e P. B. De Grande (Eds.), *Letramentos: rupturas, deslocamentos e repercussões de pesquisas em Linguística Aplicada* (pp. 71-95). Campinas: Mercado de Letras.
- Zavala, V. (2011). La escritura académica y la agencia de los sujetos, *Cuaderno comillas*, (1), 52-66.
- Zavala, V. e Córdova, G. (2010). *Decir y callar. Lenguaje, equidad y poder en la Universidad peruana*. Lima: Editorial de la Pontificia Universidad Católica del Perú.

Referencia

Sito, L. (2015). Conexões entre discussões do campo de políticas afirmativas e dos estudos de letramento acadêmico: uma aposta em compreensão desde estratégias de estudantes cotistas. *Revista Educación y Pedagogía*, 27(69-70), 15-22.

Original recibido: 22/11/14

Aceptado: 30/04/15

Se autoriza la reproducción del artículo citando la fuente y los créditos de los autores.
